

RESENHAS

A HERANÇA LINGUÍSTICA AFRICANA

MARIA ANTONIETA
MARTINEZ ANTONACCI*

[Livro: FIORIN, J. L. e PETTER, M. (orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*, São Paulo: Editora Contexto, 2009.]

Circula em nosso mercado editorial – árido em termos de linguística africana, rarefeito em estudos relacionados a línguas de povos africanos que aqui chegaram –, livro de pesquisadores franceses e brasileiros voltado à candente questão das línguas africanas na lusofonia. Sob a organização dos professores José Luiz FIORIN e Margarida PETTER, lançado pela Editora Contexto, *África no Brasil: formação da língua portuguesa* traz muitas contribuições e reinstaura questões ao abordar línguas de matrizes orais, por onde transitam *tradições vivas*¹ que reinventaram Áfricas no Brasil.

O livro reúne estudos sobre línguas africanas faladas na diáspora entre Brasil/Angola e Brasil/Costa da Mina; indícios de um *pidgin* português ou língua franca de marinheiros no Golfo da Guiné; falares crioulos cabo-verdianos e santomenses; dicionaristas e estudiosos de gramática africana no período colonial; além de enfoques no português falado por africanos no Brasil até vésperas do Estado Novo.

Cobrando diferentes temporalidades, linguístas de nosso tempo evidenciam marcas da vitalidade de culturas africanas entre nós,² principalmente quando não se faziam sentir efeitos de políticas de unidade cultural e linguística luso-brasileira, acionadas sob a regência de poderes estadonovistas no Brasil e em Portugal. Potencializando leituras e reativando memórias, as pesquisas reunidas são de grande interesse a professores de todos os níveis de ensino envolvidos com os desafios da Lei 10.639/2003.

Entre os textos, chamam atenção impasses ao estatuto “crioulo”, “semicrioulo” ou “descruiolizante” de variantes vernaculares no mundo lusófono, alavancando interrogações a classificações enraizadas em tipologias e ideários unitários.

Neste sentido, são emblemáticos e merecem destaque estudos de Jean-Louis Rougé, em “A inexistência de crioulo no Brasil”, fundado no vai e vem de formas de produção do colonialismo português entre as ilhas de São Tomé e o Nordeste do Brasil. Do primeiro povoamento das ilhas, em primórdios do século XVI, nasceram dois crioulos: o forro e o angolar, até hoje falado por descendentes de aquilombados que fugiram daquelas insulares plantações de açúcar em meados do mesmo século.

Naquelas sociedades coloniais atlânticas, os portugueses escravizaram africanos em sistema de *kinté* (quintal): modalidade de produção em que os escravos recebiam pequeno pedaço de terra, onde viviam com sua família e asseguravam sua própria subsistência, sem presença marcante de seus senhores. As plantações sucumbiram a fugas e rebeliões. O *sistema de kinté*, impraticável ao fabrico do açúcar, abriu condições para constituição de línguas crioulas que perduram até hoje.

Moral da história: poderes à distância inviabilizam a produção de mercadorias em larga escala, porém facultam a produção de línguas crioulas.

Avaliando os desastres de seus primeiros experimentos coloniais, a Coroa Portuguesa chegou ao Nordeste brasileiro instituindo o sistema *casa grande & senzala*: concentração de poderes em regime fabril de dependência direta senhor/escravo, instaurando um vigiar e punir cotidiano.

No final do século XIX, após a perda da colônia Brasil, ao retornarem em presença maciça ao arquipélago de São Tomé, os portugueses organizaram a produção de cacau e café em sistema *casa grande & senzala*, com relações de poder contíguas e coercitivas, pautadas por processos de controle total. A presença de “dirigentes, técnicos e contramestres lusófonos que utilizaram exclusivamente o português em seus contatos”, em regime de escravidão com violentas relações hierárquicas, sendo “porrada” uma das palavras mais freqüentes entre os “informantes” das pesquisas de Jean-Louis Rougé, resultou na língua dos *tongas*, que “apresenta enormes similitudes, tanto fonéticas quanto gramaticais, com as variedades do português vernacular brasileiro”.

Comportando interrogações e demandando novas pesquisas, conceitos e perspectivas de abordagens, urge enfrentar pautas de estudo fundadas em tipologia padrão ou em projetos eurocêntricos de idealização de “língua geral com diferentes linguagens”, em “síntese cultural entre diversidades que constituem uma unidade”,³ segundo proposições de Gilberto Freyre alimentando climas disciplinares de Estado Novo no Brasil à Estado Novo em Portugal, dos anos 1930 à 1960.

Reunindo indícios linguísticos quanto a léxico, morfologia, sintaxe e semântica, este livro contém informações e argumentos que revelam intrincados jogos de poder, ambiguidades políticas e acadêmicas, sinalizando para precariedade de estudos fundados em falares diaspóricos serem pensados unilateralmente.

Conforme recentes reflexões sobre “questões raciais” da modernidade europeia desde circuitos no chamado Atlântico Negro, torna-se fundamental não perder de vista relações linguísticas constituídas em fluxos históricos entre Europa, Áfricas e Américas ainda vigentes. Mesmo porque, após séculos de regime escravagista, experimentamos pouco mais de um século de “abolição” e meio século de “descolonização” do Império Português em Áfricas.

Além de pesquisas sobre a formação linguística da sociedade brasileira e falares em sociedades coloniais atlânticas, os organizadores desta publicação incluíram estudo sobre sociedades metropolitanas em Áfricas de hoje. Na riqueza e complexidade de trocas em interações de diversas culturas, grupos africanos vêm produzindo, nos últimos 30 anos, novas línguas urbanas. Faladas inicialmente por jovens, com difusão para outros grupos populacionais e outras regiões, ganha destaque texto que acompanha a língua *sheng*, em Nairóbi (Quênia), com menções ao *tsossital* ou *iscanto*, em Joanesburgo (África do Sul), o *hindubil*, em Kinshasa (República Democrática do Congo) e o *nuchi*, em Abidjan (Costa do Marfim).

África no Brasil: a formação da língua portuguesa merece leitura atenta e cuidadosa também porque os autores percorrem recortes linguísticos com diversidade de interpretações fundadas em expressiva bibliografia. Como não há uma língua em si mesma, pois a língua resulta dos usos de seus falantes, os textos abrem espaços para debates entre historiadores, antropólogos, linguistas, estudiosos de fonética, comunicação e semiótica, na perspectiva de captar diferentes falares de uma mesma base linguística.

Impossível perder de vista que em tensões culturais falantes imprimem ritmos, sons, gestos, misturam léxicos, produzem semânticas, reforçam negativas, emitem sinais objetivos e subjetivos suscetíveis de serem trabalhados em diversos recortes. Mesmo porque, a língua constitui-se na medula da identidade de povos e grupos sócio-culturais.

Entre nós, João Guimarães Rosa evidenciou que não existe língua sem seus falantes e Ahmadou Kourouma, escritor marfinense laureado mesmo na França, por sua eloquência literária, trouxe à tona o “*pétit nègre*” – francês mal falado, ou melhor, “*mastigado*” na África de colonização francófona.⁴ A língua é viva, mais ainda quando preponderam oralidades, continuamente reinventadas e renovadas, como nas vibrantes literaturas de Guimarães Rosa e Kourouma, acompanhando usos linguísticos da diáspora e do colonialismo africano.

Em vários sentidos, este *África no Brasil* reveste-se de grande interesse para os que trabalham experiências históricas em *zonas de contato*⁵ do expansionismo europeu, do tráfico negreiro, do sistema de *plantation* e do colonialismo no Atlântico. Configura-se como mais uma contribuição frente ao

uso original da língua portuguesa veiculada no Brasil por locutores indígenas, africanos e seus descendentes em misturas com línguas dos imigrantes que para cá foram trazidos pela República.

NOTAS

* Prof Doutora do Departamento de História e do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP E-mail: antonieta.antonacci@gmail.com

¹ HAMPÂTÉ BÁ, Amadou. A tradição viva, *In: KI-ZERBO, Joseph (org.) História Geral da África*, vol. I, UNESCO, 2011.

² Cf. BONVINI, Emílio. Tradição oral afro-brasileira. As razões de uma vitalidade, *In: Revista Projeto História* (22), São Paulo, EDUC, junho 2001.

³ FREYRE, Gilberto. “Nota prévia”, in Veríssimo de Melo. *Literatura de Cordel, Antologia*. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1994, p. XX.

⁴ KOUROUMA, Ahmadou. *Alá não é obrigado*. Porto, Asa Editores, 2004.

⁵ Expressão trabalhada por PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*, Bauru, EDUC, 1999, desde empréstimo de “língua de contato” em uso na linguística, para apreender processos de transculturação oriundos de encontros coloniais da expansão eurocêntrica.

Data de envio: 01/03/2012

Data do aceite: 19/04/2012